

Remix Ensemble

Casa da Música

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Peter Rundel e Baldur Brönnimann *direcção musical*

Christina Daletska *meio-soprano*

ANTON WEBERN: IMERSÃO TOTAL II

21 Abr 2018
18:00 Sala Suggia

-
MÚSICA & REVOLUÇÃO
ANO ÁUSTRIA

1ª PARTE

Remix Ensemble Casa da Música

Peter Rundel *direção musical*

Christina Daletska *meio-soprano*

Anton Webern

Duas canções, op. 8

para voz, clarinete, trompa, trompete, celesta, harpa, violino, viola e violoncelo

(1910; c. 2min)*

1. “Du, der ichs nicht sage” (*Langsam*)
[“Tu, a quem não digo” (Lento)]
2. “Du machst mich allein” (*Sehr langsam*)
[“Só tu me crias” (Muito lento)]

Quarteto, op. 22

para violino, clarinete, saxofone tenor e piano (1928-1930; c. 7min)

1. *Sehr mäßig* [Muito moderado]
2. *Sehr schwungvoll* [Muito enérgico]

Quatro canções, op. 13

para soprano e orquestra de câmara (1914-18; c. 6min)*

1. “Wiese im Park” (*Sehr ruhig*)
[“Relvado no parque” (Muito calmo)]
2. “Die Einsame” (*Bewegt*)
[“A mulher solitária” (Agitado)]
3. “In der Fremde” (*Fließend*)
[“Em terra estranha” (Fluído)]
4. “Ein Winterabend” (*Sehr ruhig*)
[“Uma noite de Inverno” (Muito calmo)]

Cinco peças para orquestra, op. 10 (1911-13; c. 5min)

1. *Sehr ruhig und zart* [Muito calmo e delicado]
2. *Lebhaft und zart bewegt* [Animado e suavemente agitado]
3. *Sehr langsam und äußerst ruhig* [Muito lento e extremamente calmo]
4. *Fließend, äußerst zart* [Fluído, extremamente suave]
5. *Sehr fließend* [Muito fluído]

*Textos originais e traduções nas páginas 9 a 11.

2ª PARTE

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Baldur Brönnimann *direcção musical*

Anton Webern

Variações para orquestra, op. 30 (1940; c. 7min)

Im Sommerwind, idílio para grande orquestra (1904; c. 14min)

Passacaglia para orquestra, op. 1 (1908; c. 15min)



Baldur Brönnimann e Peter Rundel
sobre Anton Webern

<https://vimeo.com/265339708>

Anton Webern

VIENA, 3 DE DEZEMBRO DE 1883

MITTERSILL (SALZBURGO), 15 DE SETEMBRO DE 1945

As canções modernistas de Webern

A primeira parte deste concerto apresenta música do período pantonal do jovem Anton Webern, sendo de destacar obras escritas para voz e conjunto de câmara. Webern dedicou-se desde cedo à escrita de canções para voz e piano. Posteriormente, o seu interesse pela música de câmara reflectiu-se na escrita de canções com acompanhamento de ensemble. Nestas obras destaca-se o recurso frequente a melodias angulares e a acompanhamentos esparsos, nos quais o timbre desempenha um papel primordial. Assim, foram importantes veículos de experimentação para Webern, antecipando obras como as cantatas. As canções deste recital foram escritas entre 1910 e 1918. Esse período coincide com uma fase de intensa produção da Segunda Escola de Viena, na qual o Expressionismo se associou ao atonalismo, e é caracterizado pela recusa da direcionalidade tonal, traduzida numa abordagem melódica e rítmica irregular e fragmentada. As mudanças de timbre intensificaram uma abordagem atomista de pendor modernista, que se reflectiu na concepção das obras. Com a ausência de um sistema organizador, as peças deste período eram predominantemente aforísticas. Além de obras que recorrem a texto, como as óperas *Erwartung* e *Wozzeck*, os compositores escreveram obras de curta duração. Nesse contexto, Schoenberg defendeu que a brevidade era directamente proporcional à sua intensidade expressiva.

Webern doutorou-se em Musicologia pela Universidade de Viena em 1906, época em

que começou a estudar Composição com Arnold Schoenberg. Até então, escrevera *lieder*, música de câmara e a obra orquestral *Im Sommerwind*, que teremos a possibilidade de ouvir na segunda parte do presente concerto.

As **Duas canções op. 8** foram escritas em 1910 para voz, clarinete, clarinete baixo, trompa, trompete, violoncelo, harpa, violino, viola e violoncelo, tendo sido estreadas a 14 de Maio de 1928, em Bruxelas. Os poemas são da autoria de Rainer Maria Rilke (1875-1926), um dos mais destacados escritores austríacos da época. “Du, der ichs nicht sage” é a estrofe de um poema que interpela o destinatário sobre o sofrimento amoroso do sujeito poético masculino e sobre a possibilidade de interioridade. É caracterizada pelo recurso a um registo próximo da voz falada, no qual as melodias angulares são acompanhadas pelo ensemble em texturas esparsas baseadas em elementos individualizados. “Du machst mich allein” aproxima-se mais do canto e a irregularidade métrica evoca a prosa poética. O poema refere a solidão do sujeito, que idealiza a sua amada de formas diferentes, como uma forma de a ter não a tendo. Dessa forma, os paradoxos do Romantismo mantêm-se bem vivos no início do século XX.

As **Quatro canções op. 13** foram escritas entre 1914 e 1918, os anos da Primeira Guerra Mundial. Nessa altura, Webern alistou-se, mas foi dispensado devido a problemas de visão. As canções foram estreadas a 16 de Fevereiro de 1928, em Winterthur (Suíça). Compostas para voz e orquestra de câmara, recorrem a poemas de Karl Kraus (1874-1936) e Georg Trakl (1887-1914) e a traduções para alemão de poemas chineses dos séculos V-VI e VIII, da autoria de Wang-Seng Yu e de Li Bai, respectivamente.

“Wiese im Park” coloca o sujeito poético contemplando flores no parque e meditando sobre a vida. Destacam-se os timbres metálicos dos instrumentos, por vezes com recurso a surdinas, e as mudanças abruptas de ambiente. O orientalismo é uma presença assídua na arte europeia da época. Assim, não é de estranhar que Webern tenha musicado poetas chineses que tinham sido traduzidos para alemão na altura. “Die Einsame” aborda a solidão do sujeito poético à noite, referenciando o escuro e a lua. Trata-se, portanto, de um poema chinês que convoca elementos queridos ao Simbolismo europeu finissecular. O ambiente celestial é evocado pelo recurso ao timbre dos instrumentos, dispersos numa textura pouco densa, simulando o éter dos céus. A interacção contrapontística entre os instrumentos encontra-se patente em “In der Fremde”, um poema que associa a lua à visão de casa por um sujeito que se encontra longe desta. As Quatro canções terminam com uma peça baseada num poema de Georg Trakl, um importante autor expressionista. A sua prosódia assemelha-se ao registo falado e o poema aborda a neve a cair numa noite de Inverno, na qual um viandante pode sentar-se à mesa com o sujeito poético.

Webern camerístico

O timbre é um elemento estrutural nas obras da Segunda Escola de Viena. A *Klangfarbenmelodie* consiste em distribuir uma melodia por diversos instrumentos, retirando-lhe a uniformidade tímbrica. Desta forma, a noção de tema dilui-se nas características físicas do som. A formação utilizada por Webern no **Quarteto op. 22** aproveita essas características. Destinado a clarinete, saxofone tenor, violino e piano, foi escrito entre 1928 e 1930. Nesse período, Webern encontrava-se a experimentar as

técnicas dodecafónicas seriais, pelo que a peça se baseia no aproveitamento das propriedades da série, numa perspectiva tímbrica e do gesto musical. Assim, a não direcionalidade melódica e harmónica enfatiza a descontinuidade e a ruptura. Gerados a partir das células iniciais, os dois andamentos apresentam características semelhantes. A troca de materiais entre os intervenientes, o recurso a âmbitos alargados e o detalhe nos ataques, ritmos e dinâmicas reforçam a natureza fragmentária da obra. O primeiro andamento remete para uma forma sonata e o segundo para variações sobre a série. Apesar de soar polifónica, grande parte da obra apresenta instrumentos a tocar a solo, o que evidencia a mestria contrapontística de Webern. O quarteto foi dedicado a Adolf Loos, um importante arquitecto da época, e estreado em Viena a 13 de Abril de 1931, demonstrando a proximidade entre os modernistas vienenses das diversas artes.

A música orquestral de Webern

Neste concerto são apresentadas obras orquestrais de vários períodos criativos de Webern. *Im Sommerwind* foi escrita na juventude, quando o compositor estava prestes a tornar-se aluno de Arnold Schoenberg. A *Passacaglia* foi a primeira obra a que Webern deu número de *opus*, e funcionou como uma espécie de rito de passagem. As Cinco peças para orquestra op. 10 reflectem o experimentalismo aforístico da segunda década do século XX e as Variações para orquestra op. 30 são a última obra orquestral de Webern. Assim, este concerto traça um percurso do tardo-romantismo até ao dodecafonismo serial, passando pelo pantonalismo expressionista.



© DR

ANTON WEBERN COM ARNOLD SCHOENBERG, 1927

Im Sommerwind foi composto pouco antes do encontro com Schoenberg. No início do século XX, Webern deslocou-se a Berlim com a intenção de estudar composição com Hans Pfitzner, um dos mais importantes pedagogos alemães da altura. Todavia, incompatibilidades estilísticas fizeram com que Webern retornasse a Viena, onde se tornou aluno de Arnold Schoenberg no Outono de 1904. *Im Sommerwind* destina-se a uma grande orquestra e enquadra-se num estilo tonal característico do final do Romantismo, especialmente associado a Richard Strauss. Inspirado no poema homónimo do político e escritor alemão Bruno Wille (1860-1928), a obra narra um passeio pelos bosques e campos num dia de Verão. Essa visão idílica da Natureza é traduzida para orquestra por Webern de forma quase directa, aproximando a obra da música programática. *Im Sommerwind* inicia-se com

uma massa sonora estática em que se destacam os trilos de alguns instrumentos solistas. O recurso a uma orquestração baseada em diversos conjuntos de câmara é um traço que será recorrente na obra de Webern e intensificado ao longo da sua carreira. Os motivos solistas circulam pelos diversos instrumentos, numa animada troca de melodias, ritmos e timbres, de forma a ilustrar a paisagem sonora dos campos austríacos. A forma descontínua e fragmentária e o carácter descritivo de *Im Sommerwind* são unificados por temas que perpassam recorrentemente o tecido orquestral. A condução melódica, o desenvolvimento harmónico e o recurso a uma grande orquestra remetem para os poemas sinfónicos de Richard Strauss. Paralelamente, a abordagem descritiva e a redução de meios, que apontam para o estilo pessoal de Webern, são reforçados pelo uso colorístico e quase pontilista da orquestração. A obra foi estreada postumamente, em Maio de 1962, e editada quatro anos depois. A estreia esteve a cargo da Orquestra de Filadélfia, sob a direcção de Eugene Ormandy, no Primeiro Festival Internacional Webern, realizado em Seattle. Nessa altura, o interesse pelas obras seriais do compositor contribuiu para recuperar as suas obras de juventude.

A ***Passacaglia op. 1*** foi escrita para grande orquestra e é uma despedida em vários sentidos. Despedida da aprendizagem com Schoenberg e do estilo tardo-romântico orquestral, sendo, simultaneamente, um fim e um princípio. Composta em 1908, a peça encarna o interesse de Webern por formas musicais do passado e a sua mistura com elementos musicais contemporâneos. Tradicionalmente, o género *passacaglia* foi desenvolvido no Barroco e consiste em variações sobre um baixo ostinato. Webern introduz

esse tema no início e adiciona camadas sonoras progressivamente, criando uma obra de intensa expressividade. Após o clímax, a textura torna-se mais rarefeita, até atingir uma atmosfera calma e estática no final. Cada variação destaca um agrupamento de câmara dentro da orquestra, e o tema vai-se diluindo à medida que a obra progride. Longas frases associadas ao Romantismo mahleriano e wagneriano interagem com pequenas células numa trama orquestral cheia das ambiguidades do período. A *Passacaglia* foi estreada a 4 de Novembro de 1908, sob direcção do compositor, numa sessão da Tonkünstlerverein de Viena – a associação dos compositores da cidade.

Nas **Cinco peças para orquestra op. 10**, encontramos um novo Webern. Escritas entre 1911 e 1913, encarnam uma mudança estilística da Segunda Escola de Viena. A sua brevidade e a valorização do princípio da variação apontam para uma abordagem vanguardista onde o Expressionismo é traduzido em pequenas miniaturas sem centros tonais. Na primeira peça, o timbre dos instrumentos com surdina ocupa um lugar estrutural, canalizando a atenção do ouvinte para as notas individuais tocadas em *pianissimo*. Na segunda, um movimento saltitante atravessa diversos instrumentos, até uma mudança abrupta de carácter e de dinâmica na ideia musical final. Os *tremolos* são o pano de fundo para as melodias individuais e angulares da terceira peça. Segue-se a peça mais curta do conjunto, com apenas seis compassos, nos quais pontificam as diferenças tímbricas dos instrumentos. As Cinco peças terminam com uma síntese dos vários úmeros, um exercício de mestria contrapon-tística e orquestral por parte de Webern. A

estreia da obra deu-se a 23 de Junho de 1926, em Zurique.

Webern é um compositor cujo período serial influenciou diversas estéticas. A partir da década de 20, o experimentalismo atonal foi substituído por um novo sistema que permitia criar muitas relações internas nas obras. Webern, com o seu fascínio pelo contraponto e pelos jogos racionais do Renascimento, desenvolveu um estilo sintético e austero que contrasta com as obras do seu período inicial. As **Variações para orquestra op. 30** reflectem o estilo maduro do compositor e encarnam a dificuldade de classificação das suas obras. Apesar de o título remeter para uma orquestra, Webern destina a obra a um agrupamento de dimensões reduzidas, entre o conjunto de câmara e a orquestra sinfónica. Compostas entre Abril e Novembro de 1940, baseiam-se numa sequência simétrica de doze sons, que o compositor subdividiu em três grupos de quatro notas. Escrita num andamento único, as constantes mudanças de compasso e as flutuações nas acentuações contribuem para a fluidez das ideias musicais, intensificadas pelas mudanças na textura sonora. Assim, secções mais verticais são contrapostas a variações canónicas sobre a série, e formas antigas são preenchidas com novos conteúdos. As Variações foram estreadas em Winterthur, na Suíça, a 3 de Março de 1943, tendo Webern obtido autorização para se ausentar da Áustria e assistir ao concerto durante a Segunda Guerra Mundial.

JOÃO SILVA, 2018



TEXTOS ORIGINAIS E TRADUÇÕES

Duas canções, op. 8

Rainer Maria Rilke (1875-1926)

1. Du, der ichs nicht sage

*Du, der ichs nicht sage, daß ich bei Nacht
weinend liege,
deren Wesen mich müde macht
wie eine Wiege.
Du, die mir nicht sagt,
wenn sie wacht meinetwillen:
wie, wenn wir diese Pracht
ohne zu stillen
in uns ertrügen?
Sieh dir die Liebenden an,
wenn erst das Bekennen begann,
wie bald sie lügen.*

2. Du machst mich allein

*Du machst mich allein.
Dich einzig kann ich vertauschen.
Eine Weile bist du's,
dann wieder ist es das Rauschen,
oder es ist ein Duft ohne Rest.
Ach, in den Armen hab ich sie alle verloren,
du nur, du wirst immer wieder geboren:
weil ich niemals dich anhielt,
halt ich dich fest.*

Tu, a quem não digo

Tu, a quem não digo que passo a noite
a chorar,
que o teu ser me adormece
como um berço a me embalar.
Tu, que não me dizes,
quando ela fica acordada só por mim:
e se aguentássemos esta magnificência,
sem sossegar,
só dentro de nós?
Observa os amantes,
que mal as confissões começam,
logo as mentiras chegam.

Só tu me crias

Só tu me crias.
Só a ti posso confundir.
Num momento és tu,
depois, a seguir, é o murmulho,
ou uma fragrância fugidia.
Oh, nos meus braços eu todas perdia,
só tu, tu renasces sempre de novo:
é porque nunca te sustive,
que em mim te seguro.

Quatro canções, op. 13

1. Wiese im Park

Karl Kraus (1872-1936)

Wie wird mir zeitlos.

*Rückwärts hingebannt
weil' ich und stehe fest im Wiesenplan,
wie in dem grünen Spiegel hier der Schwan.
Und dieses war mein Land.*

*Die vielen Glockenblumen! Horch und schau!
Wie lange steht er schon auf diesem Stein,
der Admiral. Es muß ein Sonntag sein
und alles läutet blau.*

*Nicht weiter will ich. Eitler Fuß, mach Halt!
Vor diesem Wunder ende deinen Lauf.
Ein toter Tag schlägt seine Augen auf.
und alles bleibt so alt...*

2. Die Einsame

Sengru Wang (465–522),

tradução alemã de Hans Bethge (1876-1946)

*An dunkelblauem Himmel steht der Mond.
Ich habe meine Lampe ausgelöscht, –
Schwer von Gedanken ist mein einsam
Herz.*

*Ich weine, weine; meine armen Tränen
Rinnen so heiß und bitter von den Wangen,
Weil du so fern bist meiner großen Sehnsucht,
Weil du es nie begreifen wirst,
Wie weh mir ist, wenn ich nicht bei dir bin.*

Relvado no parque

Como me alcança a eternidade.

Deixado para trás,
porque me mantenho firme no relvado,
como o cisne aqui no espelho verde.
E esta era a minha terra.

Todas estas campânulas! Escuta e olha!
Há quanto tempo ele já está
em cima desta rocha, o almirante.
Deve ser um domingo, e tudo soa azul.

Não irei mais longe. Pára, vanglorioso pé!
Diante deste milagre, pára a tua marcha.
Um dia morto abre os seus olhos.
E tudo fica tão velho...

A mulher solitária

No céu azul escuro está a lua.
Apaguei a minha luz,
pesam-me os pensamentos no meu solitário
coração.

E choro, choro; as minhas pobres lágrimas
correm-me quentes e amargas pelo rosto,
pois estás tão longe da minha imensa saudade,
que nunca entenderás o tamanho
da minha dor, quando não estou contigo.

3. In der Fremde

Li Tai Po (701-762),

tradução alemã de Hans Bethge (1876-1946)

*In fremdem Lande lag ich. Weißen Glanz
Malte der Mond vor meine Lagerstätte.
Ich hob das Haupt, – ich meinte erst, es sei
Der Reif der Frühe, was ich schimmern sah,
Dann aber wußte ich: der Mond, der Mond...
Und neigte das Gesicht zur Erde hin,
Und meine Heimat winkte mir von fern.*

4. Ein Winterabend

Georg Trakl (1887-1914)

*Wenn der Schnee ans Fenster fällt,
Lang die Abendglocke läutet,
Vielen ist der Tisch bereitet
Und das Haus ist wohlbestellt.*

*Mancher auf der Wanderschaft
Kommt ans Tor auf dunklen Pfaden.
Golden blüht der Baum der Gnaden
Aus der Erde kühlem Saft.*

*Wanderer tritt still herein;
Schmerz versteinerte die Schwelle.
Da erglänzt in reiner Helle
Auf dem Tische Brot und Wein.*

Em terra estranha

Estava deitado em terra estranha. A lua
pintava o meu leito de brilho alvo.
Ergui a cabeça – pensei primeiro que era
a geada da alvorada, aquilo que via a brilhar,
mas depois percebi: a lua, a lua...
E inclinei o rosto para a terra,
e o meu lar acenou-me de longe.

Uma noite de Inverno

Quando a neve bate na janela,
e os sinos anunciam longamente a noite,
muitos encontram a mesa posta
e a casa toda bem arranjada.

Alguns caminhantes em peregrinação
chegam por caminhos nocturnos ao portão.
Dourada floresce a árvore da compaixão
da fresca seiva da terra.

Caminhantes, entrem baixinho;
à porta ficou a dor petrificada.
Pois lá dentro brilha em pura claridade
em cima da mesa o pão e o vinho.

Peter Rundel *direcção musical*

A profundidade da sua abordagem a partituras complexas de todos os estilos e épocas, a par de uma grande criatividade dramática, tornou Peter Rundel um dos maestros mais requisitados pelas principais orquestras europeias. É convidado regularmente para dirigir a Orquestra da Rádio da Baviera, a Orquestra Sinfónica Alemã de Berlim e as Sinfónicas das Rádios NDR e WDR de Colónia, desenvolvendo uma colaboração de grande proximidade com a Sinfónica SWR. Trabalhou também recentemente com a Orquestra Nacional de Lille, a Filarmónica do Luxemburgo, a Filarmónica de Bruxelas, a Orquestra do Maggio Musicale Fiorentino e a Orquestra do Teatro dell'Opera em Roma.

Depois de uma abertura auspiciosa da temporada 2017/18 no Festival de Salzburgo (dirigindo um projecto com Martin Grubinger) e no Musikfest Berlin (dirigindo a Sinfónica SWR), estreia-se com a Sinfónica de Viena e regressa a grandes orquestras como a Sinfónica da Rádio de Frankfurt, a Sinfónica da Rádio da Baviera e a Filarmónica da Radio France.

Dirigiu estreias mundiais de produções de ópera na Ópera do Estado da Baviera, no Festwochen de Viena, na Ópera Alemã de Berlim, no Gran Teatre del Liceu, no Festival de Bregenz e no Schwetzingen SWR Festspiele, trabalhando com encenadores prestigiados como Peter Konwitschny, Peter Mussbach, Philippe Arlaud, Heiner Goebbels, Reinhild Hoffmann, Carlus Padrissa (La Fura dels Baus) e Willy Decker. O seu trabalho em ópera inclui o repertório tradicional (dirigiu *A Flauta Mágica* na Ópera Alemã de Berlim e *König Kandauler*, *Hänsel und Gretel* e *As Bodas de Fígaro* na Volksoper de Viena) e também produções de teatro musical contemporâneo inovador como

Donnerstag do ciclo *Licht* de Stockhausen, *Massacre* de Wolfgang Mitterer e as estreias mundiais das óperas *Nacht* e *Bluthaus* de Georg Friedrich Haas, *Ein Atemzug – die Odyssee* de Isabel Mundry e *Das Märchen* e *La Douce* de Emmanuel Nunes. A produção espectacular de *Prometheus*, que Rundel dirigiu na Ruhrtriennale, foi premiada com o Carl-Orff-Preis em 2013. Em 2016 e 2017, Peter Rundel dirigiu *De Materie* de Heiner Goebbels no Armory Hall de Nova Iorque e no Teatro Argentino La Plata, uma produção que estreou na Ruhrtriennale em 2014.

Peter Rundel nasceu em Friedrichshafen (Alemanha) e estudou violino com Igor Ozim e Ramy Shevelov em Colónia, Hanôver e Nova Iorque, e direcção com Michael Gielen e Peter Eötvös. O compositor Jack Brimberg foi também um dos seus mentores em Nova Iorque. Entre 1984 e 1996, integrou como violonista o Ensemble Modern, com o qual mantém uma relação próxima como maestro. Na área da música contemporânea tem desenvolvido colaborações com o Ensemble Recherche, o AskolSchönberg Ensemble e o Klangforum Wien. É convidado regular do Ensemble intercontemporain e do musikFabrik.

Foi Director Artístico da Orquestra Filarmónica Real da Flandres e o primeiro Director Artístico da Kammerakademie de Potsdam. Em 2005 tornou-se maestro titular do Remix Ensemble Casa da Música no Porto, e desde então tem obtido grande sucesso com este agrupamento em importantes festivais europeus.

Peter Rundel recebeu numerosos prémios pelas suas gravações de música do século XX, incluindo por várias vezes o prestigiante Preis der Deutschen Schallplattenkritik, o Grand Prix du Disque, o ECHO Klassik e uma nomeação para o Grammy Award.

Baldur Brönnimann *direcção musical*

Baldur Brönnimann é considerado um dos melhores maestros de música contemporânea em todo o mundo. Desenvolveu estreitas colaborações com compositores de topo tais como John Adams, Saariaho, Birtwistle, Chin, Lachenmann, Lindberg, Haas e outros, e dirigiu obras importantes de Ligeti, Romitelli, Boulez, Vivier e Zimmermann, destacando-se actuações recentes nos BBC Proms e na Konzerthaus de Viena. Maestro de grande versatilidade com uma abordagem aberta à programação e à interpretação musical, divide o seu tempo entre as salas de concerto e os teatros de ópera, e sempre que possível procura actividades de âmbito educativo e comunitário. É Maestro Titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e da Basel Sinfonietta.

Na temporada de 2017/18, Brönnimann estreia-se no Lincoln Center em Nova Iorque para dirigir *Dark Mirror* de Zender, uma recriação da *Viagem de Inverno* de Schubert com Ian Bostridge, no Mostly Mozart Festival; e em concertos da temporada da Sinfónica de Oregon. Na Europa, apresenta-se pela primeira vez com a Sinfónica da Rádio de Frankfurt no Festival de Darmstadt; a Sinfónica WDR num programa que celebra o 100º aniversário do nascimento de Zimmermann; a Sinfónica Nacional da Estónia e a Orquestra Nacional de Lyon. Alguns dos momentos altos das temporadas anteriores foram projectos com as Filarmónicas de Oslo, Estocolmo, Estrasburgo e Bergen, a Philharmonia Orchestra e as Sinfónicas da BBC e de Seul, entre outras. Mais recentemente, estreou-se à frente da Sinfónica da Rádio de Viena, da Sinfónica Nacional Dina-

marquesa e das Orquestras de Câmara Aurora e de Munique. Colabora regularmente com o Klangforum Wien, em Viena e em digressão.

No domínio da ópera, Brönnimann dirigiu *Le Grand Macabre* de Ligeti na English National Opera, na Komische Oper de Berlim e no Teatro Colón (Argentina), em produções de La Fura dels Baus e Barrie Kosky; *Death of Klinghoffer* de John Adams na English Nacional Opera; *L'Amour de Loin* de Saariaho na Ópera Norueguesa e no Festival de Bergen; e *Index of Metals* de Romitelli com Barbara Hannigan no Theater an der Wien. No Teatro Colón, dirigiu também *Erwartung* de Schoenberg, *Hagith* de Szymanowski e *The Little Match Girl* de Lachenmann com o compositor no papel de narrador.

Enquanto Maestro Titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e da Basel Sinfonietta, Baldur Brönnimann continua a dirigir programas onde combina de uma forma inesperada obras contemporâneas e desconhecidas com o repertório corrente. Entre 2011 e 2015, foi Director Artístico do principal ensemble norueguês de música contemporânea, BIT20. Foi Director Musical da Orquestra Sinfónica Nacional da Colômbia em Bogotá entre 2008 e 2012.

Natural da Suíça, Baldur Brönnimann estudou na Academia de Música da Basileia e no Royal Northern College of Music em Manchester, onde foi posteriormente nomeado Professor Convidado de Direcção de Orquestra. Actualmente vive em Madrid.

Christina Daletska *meio-soprano*

Christina Daletska é uma das cantoras mais versáteis da sua geração, com um extraordinário entusiasmo pelo repertório dos séculos XX e XXI. Na temporada de 2017/18, faz a estreia mundial de *Kein Licht* de Philippe Manoury, ópera encenada por Nicolas Stemann, que interpreta na Ruhr-Triennale, no Festival Musica de Estrasburgo, na Opéra Comique de Paris, no Teatro Nacional Croata em Zagreb e no Grand Théâtre de Luxembourg. Depois de cantar o papel de Waldtaube em *Gurre-Lieder*, na Casa da Música, regressa para dois concertos dedicados a Anton Webern com o Remix Ensemble e a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música. Em 2018, faz também a estreia de uma nova composição de Georges Aperghis ao lado do Ensemble Resonanz e de Emilio Pomàrico, apresentada no MaerzMusik de Berlim, na Elbphilharmonie de Hamburgo, na Konzerthaus de Viena, na Philharmonie do Luxemburgo e no Muziekgebouw aan 't IJ de Amsterdão.

Entre as obras que interpretou recentemente, destacam-se *Prometeo* de Nono com a Sinfónica SWR de Baden-Baden e Freiburg (direcção de Ingo Metzmacher) em Amsterdão, Paris, Zurique e na Ruhr-Triennale; *Folk Songs* de Berio com a Orquestra de Câmara de Lausanne (direcção de Heinrich Schiff); e *An Index of Metals* de Romitelli com o BIT20 Ensemble (direcção de Baldur Brönnimann). Em 2013, Christina Daletska estreou-se com o Ensemble intercontemporain sob a direcção de Pierre Boulez, em Paris, cantando *Gesänge-Gedanken* de Philippe Manoury. Actuou também com a Orquestra Mozarteum de Salzburgo, a Orquestra de Câmara Mahler, o Balthasar-Neumann Ensemble, a Orques-

tra Tonhalle de Zurique, a Sinfónica de Berna, a Filarmónica de Liège e a Sinfónica da Rádio Sueca em Estocolmo, ao lado de maestros como Daniel Harding, Ivor Bolton, Riccardo Muti, Thomas Hengelbrock, Louis Langrée, Jun Märkl, Christopher Hogwood, James Gaffigan, Christian Zacharias, Teodor Currentzis, Zsolt Hamar, Stefan Soltesz, Douglas Boyd e Kirill Karabits. Quer em concerto, quer em recital, apresentou-se ainda na Tonhalle de Zurique, no Festival de Salzburgo e no Festival Beethoven em Bona.

Christina Daletska cantou o seu primeiro papel operático aos 23 anos, como Rosina (*O Barbeiro de Sevilha*) no Teatro Real de Madrid, a que se seguiram Cherubino (*As Bodas de Fígaro*) na Ópera de Graz, Lucilla (*La scala di seta*) na Ópera de Zurique, Mercedes (*Carmen*) no Festspielhaus Baden-Baden, Annio (*La Clemenza di Tito*) em Paris, Londres, Bremen e Dortmund, Idamante (*Idomeneo*) em Londres, Baden-Baden e no Festival Mozart de Würzburg. Apresentou-se também na Ópera de Lyon, como Zerlina (*Don Giovanni*) e Masha (*Moscow, Cheryomushki* de Chostakovitch), e no Konzert Theater Bern, como Angelina (*La Cenerentola*) e Piacere (*Il Trionfo del Tempo e del Disinganno*).

Christina Daletska tem uma gama muito alargada de interesses para lá da música. Fala sete línguas e foi nomeada Embaixadora da Amnistia Internacional devido ao seu papel activo pela defesa dos direitos humanos.

Remix Ensemble Casa da Música

Peter Rundel *maestro titular*

Desde a sua formação em 2000, o Remix Ensemble apresentou em estreia absoluta mais de noventa obras e foi dirigido pelos maestros Stefan Asbury, Ilan Volkov, Kasper de Roo, Pierre-André Valade, Rolf Gupta, Peter Rundel, Jonathan Stockhammer, Jurjen Hempel, Matthias Pintscher, Franck Ollu, Reinbert de Leeuw, Diego Masson, Emilio Pomarico, Brad Lubman, Peter Eötvös, Paul Hillier, Titus Engel, Baldur Brönnimann, Heinz Holliger, Olari Elts e Pedro Neves, entre outros.

No plano internacional apresentou-se em Valência, Barcelona, Madrid, Ourense, Huddersfield, Estrasburgo, Paris, Orleães, Bourges, Toulouse, Reims, Antuérpia, Bruxelas, Milão, Budapeste, Norrköping, Viena, Witten, Berlim, Colónia, Zurique, Hamburgo, Donaueschingen, Roterdão, Amesterdão e Luxemburgo, incluindo festivais como Wiener Festwochen e Wien Modern (Viena), Agora (IRCAM – Paris), Printemps des Arts (Monte Carlo), Musica Strasbourg e Donaueschinger Musiktage. Entre as obras interpretadas em estreia mundial incluíram-se duas encomendas a Wolfgang Rihm, o concertino para piano *Jetzt genau!* de Pascal Dusapin, *Le soldat inconnu* de Georges Aperghis (uma encomenda da ECHO), *Da capo* de Peter Eötvös e a ópera *Giordano Bruno* de Francesco Filidei, apresentada no Porto, Estrasburgo, Reggio Emilia e Milão. Fez a estreia mundial da nova produção da ópera *Quartett* de Luca Francesconi, interpretada no Porto e em Estrasburgo, e apresentou um projecto cénico sobre *A Viagem de Inverno* de Schubert na reinterpretação de Hanz Zender – ambos com encenação de Nuno Carinhas.

Em 2016 juntou-se à banda de rock Mão Morta para um programa com arranjos originais de Telmo Marques sobre o repertório do colectivo bracarense. O projecto *Ring Saga*, com música de Richard Wagner adaptada por Jonathan Dove e Graham Vick, levou o Remix Ensemble em digressão por grandes palcos europeus. Em 2017 fez as estreias em Portugal de *Theseus Game* de Harrison Birtwistle e *Stabat Mater Dolorosa* de James Dillon, apresentando ainda o Concerto para violino de Ligeti com Ilya Gringolts.

Na temporada de 2018, o Remix Ensemble apresenta uma retrospectiva da obra de Georg Friedrich Haas que se inicia com *in vain* e inclui a estreia mundial de uma nova encomenda. Interpreta Anton Webern ao lado da soprano Christina Daletskia, Thomas Larcher com o barítono Benjamin Appl e música de Wolfgang Mitterer para um clássico do cinema expressionista: *O Gabinete do Doutor Caligari* de Robert Wiene, encomenda em parceria com a Philharmonie do Luxemburgo. Regressa à Elbphilharmonie de Hamburgo, ao de Singel de Antuérpia e à Philharmonie de Colónia, apresentando-se nesta última ao lado do pianista Andreas Staier.

O Remix tem quinze discos editados com obras de Pauset, Azguime, Côrte-Real, Peixinho, Dillon, Jorgensen, Staud, Nunes, Bernhard Lang, Pinho Vargas, Mitterer, Karin Rehnqvist, Dusapin, Francesconi, Unsuk Chin, Schöllhorn e Aperghis. A prestigiada revista londrina de crítica musical *Gramophone* incluiu o CD com gravações de obras de Pascal Dusapin, pelo Remix Ensemble e a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, na restrita listagem de Escolha dos Críticos do Ano 2013.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Baldur Brönnimann *maestro titular*

Leopold Hager *maestro emérito*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Antoni Wit, Takuo Yuasa e Lothar Zagrosek. Entre os solistas que têm colaborado com a orquestra constam os nomes de Pierre-Laurent Aimard, Jean-Efflam Bavouzet, Pedro Burmester, Joyce Didonato, Alban Gerhardt, Natalia Gutman, Viviane Hagner, Alina Ibragimova, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Christian Lindberg, Tasmin Little, Felicity Lott, António Meneses, Midori, Truls Mørk, Kristine Opolais, Lise de la Salle, Benjamin Schmid, Simon Trpčeski, Thomas Zehetmair ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger e Harrison Birtwistle, a que se junta em 2018 o compositor austriaco Georg Friedrich Haas.

A Orquestra tem-se apresentado também nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e ainda no Auditório Gulbenkian.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler, Prokofieff e Brahms e dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os CDs monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015) e Georges Aperghis (2017), todos com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2018, a Orquestra apresenta um conjunto de obras-chave da música austríaca: a integral das Sinfonias de Bruckner, os Concertos para violino de Mozart com Benjamin Schmid, a raramente interpretada cantata *Gurre-Lieder* e o poema sinfónico *Pelleas und Melisande* de Schoenberg, *As Estações* de Haydn, além de uma retrospectiva da obra de Webern em parceria com o Remix Ensemble e o Coro Casa da Música. Surpreende ainda com a revelação de uma obra recém-descoberta de Stravinski, um cine-concerto com o filme *Há Lodo No Cais* em celebração dos 100 anos de Leonard Bernstein e as sonoridades inusitadas de um concerto de Haas ao lado de um quarteto de trompas alpinas!

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

Remix Ensemble Casa da Música

Violino

Angel Gimeno

Viola

Trevor McTait

Violoncelo

Oliver Parr

Contrabaixo

António A. Aguiar

Flauta

Stephanie Wagner

Oboé

José Fernando Silva

Clarinete

Victor J. Pereira
Diana Sampaio

Trompa

Nuno Vaz

Trompete

Ales Klancar

Trombone

Ricardo Pereira

Percussão

Mário Teixeira
Manuel Campos
Nuno Aroso
João Cunha

Piano/Celesta

Jonathan Ayerst

Harpa

Carla Bos

Guitarra

Júlio Guerreiro

Bandolim

António Vieira

Harmónio

Vítor Pinho

Saxofone tenor

Romeu Costa

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Violino I

Dorota Siuda*
Radu Ungureanu
Evandra Gonçalves
Ianina Khmelik
Andras Burai
Vladimir Grinman
Vadim Feldblioum
Emília Vanguelova
Roumiana Badeva
Maria Kagan
José Despujols
Alan Guimarães
Diogo Coelho*
Pedro Carvalho*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Tatiana Afanasieva
Lilit Davtyan
Mariana Costa
José Paulo Jesus
Pedro Rocha
Domingos Lopes
Francisco Pereira de Sousa
Nikola Vasiljev
José Sentieiro
Jorman Hernandez*
Flávia Marques*

Viola

Mateusz Stasto
Anna Goner
Jean Loup Lecomte
Rute Azevedo
Emília Alves
Biliana Chamlieva
Theo Ellegiers
Francisco Moreira
Luís Norberto Silva
Hazel Veitch

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
Sharon Kinder
Michal Kiska
Bruno Cardoso
Hrant Yeranosyan
Aaron Choi

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Joel Azevedo
Nadia Choi
Tiago Pinto Ribeiro
Altino Carvalho
Sławomir Marzec

Flauta

Paulo Barros
Ana Maria Ribeiro
Angelina Rodrigues

Oboé

Aldo Salvetti
Luciano Cruz*
Roberto Henriques*

Clarinete

Luís Silva
Carlos Alves
Gergely Suto
João Moreira*
Pedro Silva*

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner
Vasily Suprunov

Trompa

Luís Duarte Moreira*
Hugo Sousa*
Hugo Carneiro
Eddy Tauber
Bohdan Sebestik
Mickael Faustino*

Trompete

Sérgio Pacheco
Luís Granjo
Rui Brito

Trombone

Severo Martinez
Nuno Martins
André Conde*

Tuba

Adélio da Costa Carneiro*

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Paulo Oliveira
Nuno Simões

Harpa

Ilaria Vivan
Ana Paula Miranda*

Celesta

Luís Filipe Sá*

*instrumentistas convidados

22 Abr Dom - 18:00 Sala 2

Arditti Quartet

Música & Revolução

Irvine Arditti violino

Ashot Sarkissjan violino

Ralf Ehlers viola

Lucas Fels violoncelo

Anton Webern *Langsamer Satz; Trio, op.20; Quarteto, op.28; 5 Peças, op.5; Bagatelas, op.9*

As obras para trio e quarteto de cordas de Webern atravessam vários dos seus períodos criativos, desde os reflexos do Romantismo tardio à intensidade do Expressionismo e ao refinamento do dodecafonismo. A sensibilidade de articulação e de colorido na música do compositor de Viena deixam transparecer um artista emotivo e apaixonado, com um fascínio pela natureza e bem distante da frieza que muitas vezes se associa às técnicas de composição altamente teorizadas que nasceram a partir do seu exemplo. Na interpretação do reputadíssimo Arditti Quartet, quarteto de cordas preferido de uma longa lista de figuras-chave da composição moderna, toda esta sensibilidade virá ao de cima num recital integralmente dedicado a uma das figuras mais influentes da música do século XX.

29 Abr Dom - 18:00 Sala Suggia

Isaac e Pärt

Música & Revolução

Coro Casa da Música

Paul Hillier direção musical

Heinrich Isaac *Natalis Domini: Puer natus est; Epiphania Domini: Ecce advenit; Hora e di Maggio; Innsbruck ich muss dich lassen; Alla battaglia; Assumptio Mariae: Gaudeamus omnes; Virgo Prudentissima*

Arvõ Pärt *Magnificat; Nunc Dimittis; And I heard a voice...; Virgencita*

O Coro Casa da Música explora neste concerto a grande influência da música renascentista em dois compositores muito distintos: Anton Webern e Arvo Pärt. O primeiro dedicou a sua tese de doutoramento ao flamengo Heinrich Isaac (1450-1517) e editou o segundo livro do monumental Choralis Constantinus, um ciclo de motetes para o próprio da missa de todo o ano eclesiástico. O maestro Paul Hillier selecionou para este programa alguns destes motetes, nos quais, segundo Webern, “o canto-chão é moldado na polifonia criando uma unidade perfeita – um exemplo da arte mais elevada”. Estes são intercalados com música sacra de Arvo Pärt, compositor estónio que desenvolveu o seu estilo pessoal, a que chamou ‘tintinnabull’, com base no estudo de vários aspectos da música antiga.



— TRANSFORME O SEU —

IRS EM MÚSICA

11

CONSIGNAÇÃO DE 0,5% DO IRS/CONSIGNAÇÃO DO BENEFÍCIO DE 15% DO IVA SUPORTADO

ENTIDADES BENEFICIÁRIAS

INSTITUIÇÕES CULTURAIS COM ESTATUTO DE UTILIDADE PÚBLICA (artº 152.º do CIIRS)

X

507636295

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

SONAE

REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

BPI